



VIVÊNCIAS DECOLONIAIS: explorando metodologias na Educação das Relações Étnico-raciais no Afoxé Omô Nilê Ogunjá

Edson Carlos Sobral De Sousa¹

RESUMO

O presente trabalho descreve as experiências vivenciadas ao longo da disciplina "Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais", com foco nos dois finais de semana de imersão no afoxé Ômo Nilê Ogunjá. Organizado em quatro seções, o estudo aborda as expectativas prévias, atividades realizadas durante as imersões, reflexões críticas sobre as experiências e análise dos resultados obtidos. Na seção de motivação e antecedentes, o autor evidencia seu interesse na disciplina devido à temática ligada ao Grupo Aya Sankofa e à curiosidade despertada por uma experiência imersiva. A leitura prévia sobre pedagogia decolonial foi crucial para compreender o contexto das vivências posteriores. A primeira semana de imersão é detalhada em três subseções: antecipação e dormida, "Olhar para o céu" e inovação, prática e subjetividades. O autor descreve a experiência de convivência no afoxé, salientando a importância do estreitamento de laços entre os participantes e a superação de preconceitos religiosos. Além disso, relata a riqueza das discussões teóricas e práticas vivenciadas, como o aprendizado sobre dança e música afro-brasileiras. Na segunda semana de imersão, o autor relata as etapas de planejamento e execução de um projeto para uma escola da educação básica, evidenciando os desafios enfrentados e as lições aprendidas durante o processo. Destaca-se a necessidade de adaptação às realidades locais e a importância do diálogo com a comunidade escolar. Por fim, na análise crítica, o autor reflete sobre como as experiências vivenciadas superaram suas expectativas iniciais, contribuindo para sua formação pessoal e profissional. Releva-se a importância da inovação pedagógica e do diálogo intercultural na promoção da decolonialidade na educação. Em suma, o estudo oferece uma reflexão profunda sobre as experiências vivenciadas durante a disciplina, salientando os desafios e as oportunidades encontradas ao longo do processo de imersão no afoxé e na elaboração de projetos para a educação básica.

Palavras-Chave: Metodologias Ativas. Reflexões Críticas. Inovação Pedagógica. Imersão Afoxé Ômo Nilê Ogunjá.



1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende descrever as experiências vivenciadas ao longo da disciplina “Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-Raciais”, em específico, os dois finais de semanas de imersão no Afoxé **Ômo Nilê Ogunjá**. Desse modo, ele está organizado em quatro seções: na primeira, descrevo os momentos anteriores a primeira semana de imersão, o que envolve expectativas, momentos formais e subjetividades; na segunda, as atividades vivenciadas na primeira semana de imersão no Afoxé; na terceira, os dias que precederam e, também, as atividades vivenciadas na segunda semana de imersão; e, por fim, na quarta etapa abordo criticamente as experiências vivenciadas.

1.1 Motivação e antecedências

Eu me interessei em participar da disciplina pela temática vinculada ao Grupo **Aya Sankofa** – pois fiz parte dele por três anos. Além disso, a curiosidade despertada por uma experiência imersiva foi de grande relevância, uma vez que acompanhei através de amigos do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) a disciplina vivenciada em Paudalho.

A admiração pelas propostas do professor Ivanildo Carvalho me motivou a participar, tendo em vista que ele dialoga com a cultura local, como o espetáculo **MatemÁfrica**.

Admito, também, que a vivência em dois finais de semana foi atrativa porque não teria condições de cursar outra disciplina em meu programa, pois teria que me deslocar para Recife semanalmente. Desse modo, a proposta da disciplina foi encantadora por atender a todos os meus interesses.

As propostas de leitura que antecederam ao primeiro encontro, me motivaram a compreender um pouco mais sobre a pedagogia decolonial, desse modo faço um recorte para discutir as passagens que mais me fizeram refletir. A princípio, o texto de Walsh (2017) foi o foco da minha leitura por problematizar questões importantes como:



me hizo ver que la cuestión de asumir una posición crítica, transformadora, también viene del corazón, no es simplemente una posición política abstracta de estar luchando en la calle, sino que empieza en cómo uno va acercándose como humano a otra gente y estableciendo esta relación (Walsh, 2017, p. 57)

Tal passagem é basilar para a construção de Walsh (2017) e para compreender as vivências da disciplina, uma vez que foi necessário aprender a desaprender para aprender de outra maneira *para compreender o olhar* do outro que, em suas histórias de vida, demonstraram ter sofrido os efeitos da colonização.

Por fim, destaco a reflexão que permeia todo o texto sobre a atuação nas rachaduras, esse ponto me fez pensar no diálogo com a insubordinação criativa que realizamos constantemente na educação básica e em nossas pesquisas. A necessidade de realizar práticas decoloniais perpassa o olhar do docente com sua turma e a adequação de suas práticas que, por diversas vezes, são construídas em ambientes colonialistas. Desse modo, destaco que as vivências decoloniais com o professor Ivanildo Carvalho fizeram ainda mais sentido, pois perceber que ele atua nas rachaduras e nos mostra caminhos outros para a valorização do povo negro é de suma importância para a atuação na educação básica.

As reflexões advindas de Traxler (2022) foi inovadora por não ter tido acesso às discussões semelhantes. Vejamos:

we have to engage critically with digital technologies, specifically mobile phones and personal computers, in order to realise the extent to which 'the devil is in the detail', the extent to which the minutiae of digital interfaces, interactions and images, are permeated by the ideas, metaphors and idioms of dominant (global) (American) English. (Traxler, 2022, p. 6)

A discussão que Traxler (2022) aborda excede as questões sociais a qual estamos habituados no grupo **Aya Sankofa** e direciona a tecnologia como meio de reprodução do colonialismo. Assim, é importante observar a rápida propagação, para além da estrutura social construída, a interface atrativa convida aqueles que não discutem a decolonialidade.

Desse modo, ambos os textos foram importantes para ampliar novos olhares



às práticas que já desenvolvemos em sala de aula.

2 PRIMEIRA SEMANA DE IMERSÃO

O primeiro final de semana de imersão foi permeado por diferentes vivências como: as noites no afoxé, a discussão teórica na disciplina, as atividades de canto, de dança, de ritmo e de troca de energias entre os estudantes. Assim, o objetivo de dar destaque a cada elemento, divido essa seção nas subseções: antecipação e dormida; “Olhar para o céu”; e inovação, prática e subjetividades.

2.1 Antecipação e dormida

O dia anterior ao início da disciplina, fui ao Recife com o Professor Dr. Ivanildo e descobri que apenas o pessoal que fazia parte ou do MatemÁfrica ou do **Aya Sankofa** iria dormir no Afoxé. Isso tornou o momento mais especial, porque quase todos somos frutos dos cursos de licenciatura do Centro Acadêmico do Agreste e as discussões dos grupos, em razão da pandemia, aconteciam via *google meet*. Desse modo, a dormida iria permitir o estreitamento dos laços construídos previamente.

O Grupo do Whatsapp “Dos Sete”, que tinha oito pessoas e depois 11, foi a ferramenta de comunicação entre nós e permitiu partilhas e colaboração para as atividades que seriam desenvolvidas. Destaco que a disciplina me aproximou das pessoas, o que foi de grande valia quando me questionava sobre a solidão da pós-graduação.

É importante enfatizar a acolhida de Dario e Ana que foram hospitaleiros e prestativos. A experiência das noites no Afoxé mostrou que o preconceito religioso é mais uma face da colonialidade e precisa ser combatido.

Na primeira noite – sexta feira – foi celebrado o Arroz de Oxalá e nos momentos em que antecederam a celebração Jaíne Macêdo, Débora Caroline e eu pudemos tirar dúvidas e conhecer mais sobre o espaço com candomblecistas presentes. Posteriormente, Ana perguntou sobre as vivências da religião, como: os rituais, os orixás e a identificação com a religião, expressando assim uma naturalidade estranha à vida dos praticantes de religiões de matriz africana de uma cidade pequena



do interior – como a minha. O momento foi ímpar ao mostrar que os preconceitos e intolerância são exclusivos dos *outros*, pois as falas dos presentes demonstraram que não há ódio ou sentimentos negativos com outras religiões, o que infelizmente não é recíproco.

Nesta noite, foi marcante o estreitamento dos laços com os demais estudantes que saíram e expressaram suas opiniões sobre as atividades praticadas durante o dia. Entre risadas, conversas sérias e discussões teóricas, pudemos nos conhecer e contribuir com a formação humana e profissional uns dos outros, o que gerou um sentimento de gratidão por tudo que estava sendo proporcionado. Nesse momento, me peguei pensando nos textos freireanos sobre diálogo e presenciei o omnilateralidade que ele descreve para a sala de aula – só que em uma mesa de bar.

Na segunda noite – sábado – pudemos acompanhar os preparativos para o “feijão de Ogum” e, agora apenas eu, fiquei impressionado com a colaboração e disposição de todos os presentes no Afoxé. Pensei sobre a cooperação que esperamos que aconteça dentro da educação, seja nas relações entre professores, professor e gestão, e professor e estudante. Destaco que as práticas comuns dentro do terreiro podem ser potenciais para uma sala de aula que preza por uma educação antirracista, atuando nas rachaduras para trazer saberes que são resgatados pela força da oralidade, da empatia e do companheirismo.

2.2 “Olhar para o céu”

Sim, esse subtítulo faz referência às falas de Ângela. A máxima de “olhar para o céu” traduz a infinitude de conhecimentos que permeou as experiências dentro da sala. As indagações apresentadas por ela, pelo professor Dr. Ivanildo e pelo professor Dr. Marcos Barros foram ímpares dentro de suas singularidades.

O professor Dr. Ivanildo, me fez repensar as minhas práticas, a partir da



cultura e da história do povo negro. A decolonialidade exige o conhecimento histórico, epistêmico, local e manejo para estar em sala, além da finalidade de difundir o conhecimento matemático. Por isso, repenso práticas que quebrem com a lógica vivenciada, desde a invasão portuguesa. Assim, a decolonialidade é ir de encontro aos valores opressores e a pedagogia decolonial constrói o conhecimento matemático, desconstruindo a lógica racista estrutural.

A proposta apresentada pelo professor Marcos Barros de análise de uma letra de música foi um divisor de águas, pois ali percebi que não se trataria de uma discussão sobre textos e possibilidades de ensino, mas a relação das letras com as nossas experiências.

Por fim, Ângela trouxe um conhecimento distante da vivência que tenho na Educação Básica e a convicção que demonstrou sobre seus saberes foi inspiradora. Ao mostrar que os conhecimentos não científicos, como normalmente é tratada a astrologia, são permeados de saberes outros que se sustentam na história e no desenvolvimento dos povos antigos, permitindo assim o questionamento sobre as certezas que apresentamos em sala. Ao olhar para o céu naquela noite, vi que há infinitos conhecimentos desrespeitados e desconhecidos pelas práticas coloniais.

2.3 Inovação, prática e subjetividades

A presença das práticas como canto, música, dança e ritmo foram inovadoras em minha vida, pois mesmo trabalhando com o teatro que também coloco no meio dessas experiências, não possuía a percepção de levar esses elementos para dentro da sala de aula. No entanto, a Educação Básica carece de práticas ativas que exaltem conhecimentos de múltiplas áreas.

A dança apresentada por Wagner foi outro momento que percebi que a aula de matemática necessita de uma pedagogia decolonial, pois os movimentos “abre, fecha, não esquece o pulo”, a contagem “vamos lá pessoal, 1 ..., 2..., 3...”, podem ser potencialidades para ensinar matemática. A associação entre movimento e contagem, a covariação e o compasso de ambos me fazem pensar nas relações matemáticas e,



sobretudo, no conhecimento da prática dos povos africanos.

Por fim, a presença no feijão de Ogum forneceu uma satisfação de estar aprendendo, vivenciando e interagindo com outros modos de vida. Celebrar em conjunto com os demais presentes foi perceber que a discriminação é fruto de um movimento irracional, porque desconhece aquilo de que fala. Desse modo, aprendi que escutar é uma porta para a libertação das amarras que são impostas pela estrutura colonial em que vivemos.

3 SEGUNDA SEMANA DA IMERSÃO

Ao fim da primeira semana saímos com a proposta de construção de uma coleta de dados e, em paralelo, antecipar o que poderia ser o projeto nas escolas da Educação Básica.

3.1 Reuniões e planejamento

A tarefa era construir uma proposta para uma escola da qual tínhamos apenas dados estatísticos. Nosso grupo se reuniu com a gestora da Sebastião Leme que se mostrou prestativa e aberta ao diálogo sobre as nossas práticas e a partir disso iniciamos a construção da nossa proposta.

As contribuições do pessoal do Afoxé foram de grande valia, mas administrar tantas ideias e olhares diversos é uma habilidade que foi escassa ao nosso grupo. As reuniões foram constituídas de experiências múltiplas que fizeram borbulhar inúmeras práticas. Os debates com pessoas que estão mergulhadas em diferentes profundidades da prática escolar e aportes de decolonialidade foram de muito aprendizado.

3.2 Ideal e realidade

A experiência na escola foi de diferentes sentimentos. Vivenciar uma proposta que precisou de mais conversa e liderança dos proponentes, em certo ponto, foi angustiante, mas a necessidade de seguir demonstrou resiliência e a habilidade do



professor se adaptar às diversidades escolares.

A falta de ferramentas tecnológicas e suporte da equipe gestora foi desestimulante, mas a adaptação e a vontade de fazer dar certo foram propulsores para seguir a coleta e manter o trabalho com os estudantes. A realidade local demonstrou que precisa da abordagem pensada e a fala da estudante Roseane foi importante nesse sentido.

3.3 Até logo

As aulas da última semana que contaram com a presença de diferentes coletivos foram motivadoras para o pensando do projeto que será entregue à escola. Escutar as histórias e poder dialogar com movimentos que transformam a comunidade do Ibura trouxe reflexões sobre o distanciamento dos conhecimentos de dentro da escola, por diversas vezes, não se conectam com a vida das pessoas da comunidade.

A presença dos estudantes, também, nas últimas aulas me faz pensar o porquê de não levarmos estudantes da Educação Básica para discutir qual o ensino que eles querem? Isso me atravessou por diversas e não faz sentido construir um professor distante do estudante. Assim, observo que a explanação das relações étnico-raciais é escassa, as disciplinas da formação inicial são optativas, os estudantes não escutam os seus professores, os negros estão isolados e, poucas vezes, há pelo menos um professor para ajudá-los em suas lutas.

A socialização das vivências nas escolas mostrou a falta de integração das experiências, da primeira semana, à proposta levada até a escola por nosso grupo. No entanto, acompanhar os demais trabalhos possibilitou a prática da pedagogia decolonial, a partir de uma metodologia inovadora.

4 ANÁLISE CRÍTICA

Por fim, retomo as minhas expectativas iniciais e afirmo que as experiências superaram qualquer vivência anterior. Aprender sobre inovação – fazer aquilo que nunca foi feito – com o objetivo de contribuir para a decolonialidade foi um momento de formação continuada, pois me renovei enquanto professor da Educação Básica.



Fui atingido pelas falas dos estudantes que mostraram o efeito da colonização em suas vidas e da formação, enquanto pesquisador, pois mostrou que há espaço para nossas subjetividades dentro da academia.

As proposições sobre as noites no Afoxé foram de suma importância para superar o medo de algo que eu nem sabia o que era, estranho né? A hospitalidade, o cuidado e a empatia serão valores que tentarei carregar comigo para me relacionar com o desconhecido. Nesse sentido, demonstro o orgulho de ter conhecido o terreiro para garantir uma formação humana sobre o respeito às diversas religiões. A continuidade do processo e a renovação dos pensamentos que adviriam da prática foi de grande valia para a minha formação profissional.

Por fim, os momentos positivos e negativos contribuíram para vivenciar essa experiência ao máximo e carregarei para minhas atividades enquanto gente, professor e pesquisador.

REFERÊNCIAS

WALSH, Catherine. Pedagogías Decoloniales. In: ACHINTE, Adolfo Albán *et al.* **Convergencias y divergencias**: hacia educaciones y desarrollo “otros”. 1. ed. Bogotá: Corporación Universitaria Minuto de Dios - UNIMINUTO, 2017. v. 1, cap. 4, p. 55-77. ISBN 978-958-763-251-4.

TRAXLER, John. **Decolonising Educational Technology**, 2022, no prelo.